

**Marcelo da Silva Carneiro\***

## ***Atos de Tomé e a idealização da sociedade romana***

### ***Acts of Thomas and the idealization of the roman society.***

#### **Resumo**

Os *Atos de Tomé* mostram uma perspectiva específica da sociedade romana, na qual as mulheres eram ativas, os ricos se tornavam discípulos cristãos em larga escala e, o mais impressionante, casais recém-casados não tinham relações sexuais em submissão à ordenança de Cristo. Tal quadro, de fato, não era uma descrição real, de acordo com a abordagem desse tema por Judith Perkins, falando sobre as “comunidades imaginadas”. Nesta comunicação pretendemos verificar alguns episódios e comparar com os textos sobre a sociedade romana para entender a relação entre descrições narrativas idealizadas e textos comuns do cotidiano, usando o conceito de Perkins. Com isso é possível também indicar uma relação cultural entre o contexto religioso dos Atos Apócrifos com a religiosidade latino-americana.

**Palavras-chave:** Atos de Tomé; Atos dos Apóstolos Apócrifos; munificência; abstinência sexual; religiosidade latino-americana.

#### **Abstract**

The *Acts of Thomas* shows a specific perspective about the Roman Society, where the women were very active, the rich people became Christian disciples in large proportion, and the most impressive was: just marriage couples didn't have sexual intercourse, in submission to Christ commandment. This frame about Roman Society, in fact, is not a real depiction, according to Judith Perkins' approach of this theme, talking about “imagined communities”. In this paper we intend to check some pericopes and compare with some aspects of Roman Society, to understand the relation between idealized narratives descriptions and the ordinary daily life context, since the Perkins concept. Besides, to indicate the

---

\* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). É professor de Novo Testamento e pesquisador do Grupo Oracula. E-mail: [prmscarneiro@yahoo.com.br](mailto:prmscarneiro@yahoo.com.br)

cultural relation between the *Apocryphal Acts of Apostles* religious background and the Latin-American popular piety.

**Keywords:** Acts of Thomas; Apocryphal Acts of Apostles; munificence; sexual abstinence; latin american piety.

## **Introdução**

Judith Perkins, em seu texto “Imagined Communities in Imperial Fictions”, faz uma análise da estrutura social do Império Romano entre os séculos 2º a 4º a.C. Segundo ela, é perceptível o ambiente social e literário em que foram compostos os Atos Apócrifos e como eles idealizam uma sociedade na qual os diferentes estratos estão mais próximos e integrados. Perkins tem como base o texto de Arjan Zuiderhoek (“*The Politics of Munificence in the Roman Empire*”), que trata da política de munificência no Império Romano. De acordo com ela, esse trabalho colaborou expressivamente com sua leitura dos Atos Apócrifos no contexto maior do mundo imperial. Na pesquisa de Zuiderhoek, a desigualdade no sistema imperial romano alterou a maneira como grupos sociais se organizavam nas cidades helenísticas da Roma Oriental, reforçando ainda mais as desigualdades entre os grupos.

A professora Judith afirma em seu *paper* que se pode considerar o testemunho dos Atos dos Apóstolos Apócrifos como texto escrito entre meados do século 2º e o século 3º, e isso indica uma datação ainda mais antiga para a reconfiguração do imaginário social tendo o pobre como foco cultural e social no império romano. A relação dos Atos Apócrifos com essa nova ordem social pode ser indicada na forma como as elites são descritas depois que aderem à fé cristã: pessoas generosas que fazem doações e dão presentes aos pobres. Segundo Zuiderhoek, essa atividade munificente amenizou as tensões sociais surgidas das desigualdades no período, bem como fez com que as elites ganhassem aprovação pública. Essa situação é mostrada em vários textos, e Perkins analisa de modo mais pontual os *Atos de João*, *Atos de Pedro*, *Atos de Paulo* e *Tecla* e *Atos de Tomé*, que é o foco neste artigo.

A metodologia de análise adotada aqui é a bibliográfica, tendo como objeto de estudo a obra de *Atos de Tomé* e indicando com base nela os aspectos que desejamos destacar, para depois compará-los com obras contemporâneas ao escrito, dentro do mundo romano. Por fim, iremos fazer uma análise do contexto religioso latino-americano à luz dos temas estudados em *Atos de Tomé*. Dessa forma queremos demonstrar que a idealização da sociedade romana era um modo de

produzir literatura e alimentar o imaginário das pessoas, algo que continua fazendo parte da cultura atual.

## **1. Análise geral da obra**

Os *Atos de Tomé* compõem parte da biblioteca apócrifa denominada *Acta Apostolorum*, que trata de temas ligados a Jesus e aos apóstolos, mas que foram colocados fora do cânon cristão com base em critérios diversos. É considerado um texto gnóstico por causa da forma como trata Jesus e fala de mistérios; no entanto, guarda familiaridade com a novela grega e suas descrições de viagens maravilhosas.<sup>1</sup>

Essa obra é um dos textos mais bem preservados dentre os apócrifos, e dela há duas versões completas: a siríaca e a grega. Comparando o conteúdo de ambas, no entanto, percebe-se que a grega tem menos preocupações com a ortodoxia, ao contrário da versão siríaca, que procura ajustar certas expressões e diálogos, conformando-os com o pensamento ortodoxo. Mesmo assim, os especialistas acreditam que o texto original foi escrito em siríaco, e que a versão grega seria mais fiel à heterodoxia do original que a outra. Para alguns pesquisadores, isso pode significar que a versão grega é mais antiga (século 3º) e representa um momento mais livre do pensamento cristão no qual elementos gnósticos e encratistas estão presentes (apesar de alguns preferirem pensar que é expressão de um grupo marginal entre os cristãos). Há paralelos com os Atos de Paulo, e diversas citações do Novo Testamento, especialmente do Evangelho de Mateus (por exemplo, AtTm 29 e 36 que citam o ensino de Jesus em Mt 6,34, ou AtTm 36 // Mt 19,23).<sup>2</sup> Em função das características do texto, de haver uma versão siríaca, e da distância com outras vertentes do cristianismo, há teorias em torno da Síria como lugar de composição do texto, mas não há como se afirmar.

O livro é dividido em 14 partes, focado no apóstolo Tomé e sua pregação na Índia:<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre ser um texto gnóstico há bastante controvérsia, a começar pelo fato de ele não ter sido encontrado entre os textos da biblioteca de Nag Hammadi, cujo teor gnóstico é bastante acentuado na maioria deles. Por outro lado, o texto tem sido associado aos encratistas e maniqueístas pela forma como lida com a questão corpo-alma. O “hino da pérola” ou “hino da alma” (AtTm 108-113), por sua vez, tem forte teor gnóstico. Cf. J. K. Elliott, *The Apocryphal New Testament*, p. 439-42.

<sup>2</sup> As citações de *Atos de Tomé* foram traduzidas a partir da versão crítica bilingue de Antonio Piñero Saenz e Gonzalo del Cerro Calderón, e de J. K. Elliott. Como padrão de citação, usaremos AtTm.

<sup>3</sup> Adotaremos aqui a divisão proposta por J. K. Elliott. *The Apocryphal New Testament*. A collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation. Oxford: Clarendon Press, 2005.

I – Judas é vendido ao mercador Aban e levado para a Índia. A festa do casamento real. Judas é bem-sucedido em convencer o casal de noivos a manter o celibato (1-16).

II – Tomé encontra o Rei Gundafor, que encomenda a construção de um palácio real (17-29).

III – Ressurreição de um homem morto por uma serpente (30-38).

IV – O jumento falante (39-41).

V – Exorcismo de uma mulher possuída por um demônio (42-50).

VI – Ressurreição de uma mulher assassinada por seu amante. Visão dela do inferno (51-61).

VII – Sifor, capitão do rei Misdeo, procura por Tomé para pedi-lo que exorcize sua esposa e filha. Tomé aceita visitá-los (62-67).

VIII – Os jumentos selvagens levam Tomé e o capitão até sua família. Tomé exorciza o demônio (68-81).

IX – Migdonia, esposa de Carisio, um dos homens do rei, é convertida por Tomé. Carisio reage e obtém a autorização do rei para matar Tomé. Sifor testemunha perante o rei em nome de Tomé. Tomé canta o Hino da Pérola na prisão (82-118).

X – Migdonia é batizada (119-133).

XI – A esposa do rei Misdeo, Tercia, também se converte. Misdeo prende Tomé novamente (134-138).

XII – O filho de Misdeo, Vazan, é convertido por Tomé na prisão (139-149).

XIII – Vazan é batizado (150-158).

XIV – Martírio de Tomé. Conversão de Misdeo como resultado da cura de um dos seus filhos depois da aparição de Tomé (159-170/171).

## **2. As ações de munificência em *Atos de Tomé***

O segundo episódio de *Atos de Tomé* acontece já na Índia, depois da viagem do apóstolo para lá na condição de escravo e vendido como construtor (*tektonikes* e *oikodomikes*). Ele inicia quando Tomé conhece o rei Gundafor que, ao saber da sua profissão, o contrata para a construção de um palácio em homenagem ao irmão dele. Tomé aceita o trabalho e recebe os recursos para a obra, no entanto, em vez de construí-lo, os usa para distribuir aos pobres (*penêsin*) e necessitados (*tethlimménois*) das aldeias vizinhas ao palácio, afirmando que o fazia em nome do rei. Sua argumentação é que “o rei sabe que vai receber uma recompensa real, porém no momento presente é necessário que os pobres recebam alívio” (AtTm 19).

Quando passou o tempo determinado pelo contrato, o rei foi a Tomé perguntar pelo palácio, e ficou sabendo então que nada havia sido feito, mas ouviu sobre a fama de Tomé como pregador de um novo Deus. Além disso, suas obras de cura e de benefícios aos pobres, todas feitas gratuitamente, com amabilidade e generosidade, apontavam para ele como enviado desse Deus novo. Sua conduta pessoal é mostrada como extremamente simples – come apenas pão com sal e água e usa uma única roupa, seja no tempo bom, seja no ruim. A reação do rei foi de raiva e chamou Tomé para que lhe desse satisfações. O diálogo a seguir mostra a novelesca ironia:

- Construiu o palácio para mim?

Mas ele respondeu:

- Sim, construí.

- Então perguntou o rei:

- Quando, pois, poderemos ir vê-lo?

Então respondeu-o assim:

- Não o podeis ver agora, mas quando saíres desta vida poderá vê-lo. (AtTm 21)

Gundafor então planejou executar Tomé, mas na mesma noite seu irmão Gad caiu enfermo e morreu. Chegando ao céu, pediu para ficar num palácio bonito, mas os anjos disseram que não poderia, porque foi construído para o irmão dele. Ele pediu para retornar à terra e assim poder comprar o palácio do irmão, e quando voltou fez a proposta a Gundafor. Foi quando o rei se deu conta de que Tomé tinha falado a verdade. Orientou Gad a pedir a Tomé para construir um ainda maior e ambos se converteram à fé cristã, sendo batizados pelo apóstolo.

Esse enredo, rico em reviravoltas, ironias e um final feliz, além de mostrar a verve novelesca dos *Atos de Tomé*, descreve com bastante precisão a vantagem da pobreza e da generosidade no lugar da avariza e do acúmulo de riquezas. O relato se mostra questionador do sistema de poder que operava na sociedade contemporânea e que não estabelecia uma mudança social radical ou inversão de papéis, mas preconizava a necessidade de as elites olharem para os pobres. Na tradição evangélica mais antiga, essa posição de Tomé encontra base em duas narrativas: em Jo 12.8, ocasião em que Jesus estava para ser preso e foi ungido com bálsamo por Maria. Judas a criticou por isso, dizendo que o dinheiro do perfume poderia ter sido dado aos pobres, mas Jesus a defendeu com o argumento de que “os pobres vós sempre tendes convosco”. Em outro texto, ainda mais marcante, registrado pelos sinóticos, um jovem muito rico procura Jesus para saber como

herdar a vida eterna, ao que Jesus o orienta a, além de obedecer aos mandamentos, dar tudo que tem aos pobres, e então afirma: “e terás um tesouro no céu” (Mc 10,21c e par.).

Na concepção da narrativa de Tomé, “a insaciabilidade – da avareza – leva à alma o temor e a vergonha; estabelecendo-se dentro do corpo, arrebatando os bens terrenos e mantendo dentro a suspeita (que se) devolve aos donos o que é externo, se cobrirá de vergonha” (AtTm 28), reforçando as ideias já propagadas nos evangelhos mais antigos.

Ao falar da doação de recursos aos pobres em nome de alguém rico, *Atos de Tomé* está fazendo uma clara alusão à prática de doações conhecida como *euergetismo*, que vem do grego *eu* (bom/boa) + *ergon* (obra) = “boas obras”. Mas Zuiderhoek admite que é um neologismo, “inventada por modernos historiadores da Antiguidade” (ZUIDERHOEK, 2009, p. 6). No mundo greco-romano, a palavra *euergetês* era usada para os benfeitores do povo, bem como se encontram inscrições nas quais aparece a frase *euergetein ten polin*, indicando a benfeitoria feita à cidade. No Evangelho de Lucas há uma passagem em que Jesus chama os que dominam a cidade de benfeitores (*euergetai*), confirmando o uso do vocábulo ao menos no fim do primeiro século. Alguns autores transliteram a palavra como *evergetismo* (cf. GOODMAN, 1997, p. 150), mas pode ser denominado como munificência. Essa prática tinha reconhecimento público e tornava-se notória na cidade por meio de inscrições e monumentos. Dentre os atos munificentes, estava o patrocínio de jogos e torneios. Martin Goodman (1997, p. 189; tradução nossa) comenta a respeito:

Lutas de gladiadores já eram uma parte bastante enraizada da cultura romana antes do período imperial. Aparentemente idealizada originalmente como parte das celebrações de funerais, com um significado religioso atrelado a ele que era de fato o sacrifício ritual dos gladiadores participantes, cujos shows pela República Antiga tornaram-se um fim em si mesmos, indicando a celebração de dias importantes e como evidência da munificência pelo doador, que normalmente era um magistrado. Durante o Império Romano, a popularidade desses shows aumentou grandemente.

A projeção pública da munificência não pode ser subestimada. Um registro escrito cerca de 145EC, do imperador Antonino ao povo de Éfeso, testemunha a doação de um rico cidadão da cidade:

A munificência que Veditus Antoninus derrama sobre vós, eu fui informado não tanto por vossa carta quanto por ele mesmo. Para, desejando obter auxílio de minha parte para o embelezamento de obras públicas que ele vos ofereceu, ele

tornou conhecidas para mim quantas e quais grandes construções está adicionando à cidade, mas vós não o apreciastes. Eu garanti a ele tudo o que me requereu, e acolhi o fato de ele preferir, não o usual método dos participantes das coisas públicas, por causa da popularidade imediata gastam sua munificência com shows e distribuição de prêmios para os jogos, antes meios pelos quais ele espera fazer a cidade mais imponente no futuro. (DITTEMBERG, 1924 *apud* GOODMAN, 1997, p. 234; tradução nossa)

Entretanto, em sua pesquisa, Zuiderhoek aponta que a munificência não era a principal base da economia do império romano. Apenas uma pequena parcela da elite fazia doações, e em geral as doações não eram feitas aos pobres diretamente, mas para a cidade como um todo, e a partir das quais os pobres das cidades se beneficiavam, como a possibilidade de participar dos jogos e festivais (ZUIDERHOEK, 2007, p. 35). Talvez por isso mesmo havia tanta honraria e homenagens aos *eurgetes*. Cicero considera, em sua obra *De officiis*, que os benfeitores voltados apenas para eventos eram extravagantes (*prodigi*), diferentes dos realmente generosos (*liberalitas*). Esses últimos agiam em favor de pessoas em particular, saldando dívidas, custeando o dote do casamento das filhas de amigos, ajudando na construção de casas e coisas dessa natureza. Tanto Cicero quanto Plutarco, aliás, criticavam a munificência extravagante, pois consideravam que não era uma conduta adequada aos políticos, ou seja, às elites que administravam as cidades (ZUIDERHOEK, 2007, p. 196-197).

Perkins compreende que, ao descrever um papel das elites convertidas como munificente, os *Atos Apócrifos* misturam comportamentos cristãos com práticas das elites *euergestistas* (PERKINS, 2014, p. 3). Nesse caso, a questão é: os textos idealizam as elites que aderiram à fé cristã, procurando provocar nelas uma consciência ética sobre a maneira adequada de lidar com a desigualdade social? Ou na verdade fazem uma crítica à prática *euergestista* da sociedade romana amplamente divulgada, que também devia ser algo tão ficcional quanto seu correspondente cristão?

No caso do relato de Gundafor, a munificência dele, ironicamente, ocorre de modo involuntário. A doação de Tomé aos pobres é feita em nome do rei, mas sem o conhecimento dele. O fato de ser uma munificência dirigida aos pobres, por outro lado, indica que não se trata de uma doação típica do sistema de munificência, mas está vinculada ao ideal cristão de ajudar os desvalidos. Assim, a compreensão de Perkins, de que se trata de um comportamento misto, tem bastante fundamento.

Mas seja no relato de *Atos de Tomé*, seja nas descrições em homenagem aos benfeitores das cidades, há uma declarada idealização das relações sociais, ainda que as desigualdades se mantenham nelas. Ricos e pobres existem sim, mas coexistem pacificamente, porque estes são cuidados por aqueles. Tanto a situação retratada em *Atos de Tomé* quanto a ação dos ricos na Roma imperial em geral apontam para essa idealização. De fato, a política de munificência na sociedade romana passava não só pelos jogos e torneios de gladiadores, como os mais ricos manifestavam sua generosidade em obras de melhoria nas cidades, na distribuição de pão aos necessitados, na limpeza e na iluminação das ruas, além do apoio nas estruturas administrativas da cidade.

A ideia geral da munificência civil e a das ações generosas dos ricos alcançados pelo evangelho são bastante similares. A diferença está em que nos relatos públicos de munificência fica evidente que as ações generosas fazem parte da política de *panes et circus*, ao passo que nos textos apócrifos parecem ser resultado da conversão a Cristo. Seja como for, nos dois casos há uma tentativa de mostrar os ricos num retrato favorável a eles, que amenize as tensões sociais, conforme exposto por Zuiderhoek.

Entretanto, percebe-se que a munificência nem sempre funcionava da melhor forma, como apontam as correspondências de Plínio, o Jovem, ao imperador Trajano, quando era governador da Bitínia e do Ponto. Havia problema em obras que não eram concluídas, desvio de verbas e outras práticas que colocavam a munificência mais no plano da idealização que no da prática cotidiana. Plínio era um dos ferreiros críticos da política de munificência como era praticada por seus contemporâneos.

### **3. O tema da abstinência sexual nos *Atos de Tomé***

Outro tema bastante explorado nos *Atos dos Apóstolos Apócrifos* é o das fronteiras morais, notadamente a castidade sexual, apresentadas de maneira bastante nítida. *Atos de Tomé*, entre outros textos, aponta tendências encratistas, em que a vida sexual ativa não só é questionada, como o padrão ideal é o da castidade até mesmo na vida dos casais.

Num dos trechos em que esse processo fica mais evidente está o casamento da filha do Rei de Andrápolis, logo no primeiro episódio da trama, assim que Tomé chega à Índia. Depois de viver uma situação especial, Tomé é convidado pelo próprio rei para abençoar o casal de



noivos. Ele o faz, e naquela noite o próprio Jesus aparece a eles, na forma de Tomé, para impedir a conjunção carnal. Em suas palavras, eles evitariam grande mal se deixassem de fazer sexo:

Recordem-se, meus filhos, o que disse meu irmão e a quem os está recomendando. Saibam o seguinte: se vos apartais desta suja convivência, os transformareis em templos santos, puros, livres de aflições e dores tanto manifestas quanto ocultas, nem os vereis rodeados de preocupações pela vida e filhos, cujo final é a destruição. Pois se tens muitos filhos, por eles chegareis a ser aves de rapinas e avarentos, esfolando os órfãos e espoliando as viúvas: e ao realizar essas coisas, o fazeis dignos de piores castigos. Pois a maioria dos filhos chegam a ser pessoas inúteis, possuídas pelos demônios, uns de forma oculta e outros claramente. Se transformam em lunáticos, com os membros semiatrofiados, ou em aleijados, surdos, mudos, paráliticos ou estúpidos. E se gozam de boa saúde, serão por sua vez gente ineficaz que realizarão ações inúteis e abomináveis. [...]. (AtTm, 12)

Ao fim do discurso de Jesus, os noivos decidem não consumir o casamento, e ao saber da decisão deles, o rei rasga suas roupas e vai atrás de Tomé, mas ele parte antes de ser preso. Depois disso, os demais acontecimentos se dão na Índia, que não é descrita como ocorre no gênero historiográfico. Ali Tomé continua sua pregação, que tem como eixos centrais a castidade e o ascetismo sexual. Num deles pode se perceber essa tônica:

Varões e mulheres, meninos e meninas, rapazes e moças, homens maduros e anciãos, escravos ou livres: apartem-se da fornicação [*porneia*], da avareza e do serviço do ventre, porque nestas três partes está toda impiedade. Pois a luxúria [*porneia*] cega a mente e escurece os olhos da alma e é um obstáculo para a reta disposição do corpo, debilitando ao homem inteiro e fazendo incidir sobre todo o corpo na enfermidade. [...]. (AtTm 28)

Essa pregação alcança mulheres casadas, algumas da nobreza, que ao aderirem à fé, deixam a prática conjugal, para a revolta dos maridos. O verdadeiro marido passa a ser Jesus, e o matrimônio autêntico é a fé e adoração ao Deus Vivo. É o caso de Migdonia, esposa de Carisio, parente do rei Misdeo. Ela não só adota a fé cristã, como rechaça seu marido, opondo-se ao sexo com ele. Carisio revolta-se com a situação, denuncia o caso ao rei, e esse motivo será o principal para a prisão de Tomé e consequentemente sua morte. Além dela, a própria mulher de Misdeo, Tercia, se converte e tem a mesma atitude de Migdonia.

Já a incontinência sexual é tratada como ação do demônio, especialmente sobre as mulheres, como no caso da seduzida pelo demônio (AtTm 43). Ela é especialmente bonita e clama ao apóstolo pela liber-

tação de um demônio que todas as noites a procurava para ter relações sexuais, e isso por cinco anos seguidos. Tomé então invoca o demônio para que ele se apresente, e este vem ao apóstolo e à mulher. Afirmando seu amor pela mulher, o demônio consente em deixá-la, desde que encontre outra igual a ela, e também por medo do nome de Cristo, a quem Tomé prega. Ao deixar o lugar, as pessoas veem fumaça e fogo, que Tomé explica ser o sinal de que a obra do demônio foi destruída. Depois de Tomé orar, agradecendo a Cristo, a mulher pede que ele a sele para que o demônio nunca retorne, o que ele faz impondo-lhe as mãos. Após isso eles tomam a eucaristia e Tomé faz o sinal da cruz no pão para consagrá-lo.

Esse relato pode ser analisado de diversas maneiras, mas o que desejamos destacar aqui são os aspectos que posteriormente foram incorporados no imaginário religioso popular, como práticas comuns para afastar os demônios: o sexo como meio de ação do demônio; o exorcismo com oração, mas também com fogo e fumaça; o selo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo para proteger as pessoas da ação dos demônios; e o uso do sinal da cruz para santificar e abençoar.

Do ponto de vista cultural, o ascetismo apregoado por Tomé rompe com o modelo familiar romano (que é o indicado na narrativa), quebrando a base parental do sistema de patronato e da estrutura da elite. Mais do que o moralismo ascético, o que se percebe é a quebra social das estruturas familiares conservadoras, por um lado empoderando as mulheres, e por outro ameaçando o poder masculino.

O empoderamento das mulheres na narrativa se dá pela posição que elas passam a ter na nova fé, podendo reger sobre o próprio corpo. O fato de abrirem mão do sexo também as torna ineficazes de cumprir seu principal papel, segundo o modelo tradicional, que seria o de gerar filhos e herdeiros para seus maridos. Com isso, elas deixam de se sujeitar aos desejos dos homens e de realizar os ideais sociais nos quais eram colocadas em segundo plano; na nova fé tornam-se pregadoras e discípulas/noivas de Jesus Cristo, Senhor de todos. É assim que os *Atos de Tomé* mostram as mulheres e a consequente decisão de abrir mão da vida sexual.

Por outro lado, esse ascetismo põe em risco o poder masculino, pois os homens já não decidem sobre o corpo de sua mulher. Esse esvaziamento de poder só é corrigido quando o marido já tem uma convivência ascética com sua esposa, como é o caso do filho de Misdeo, Vazán, e sua esposa. Mesmo antes de conhecerem a Tomé, viviam um matrimônio casto (cf. AtTm 150).

Como podemos relacionar essa ênfase sobre castidade com o ambiente cotidiano da sociedade imperial romana? Fica evidente que há um esforço por mostrar uma reação favorável ao Evangelho por parte da elite romana, abrindo mão até mesmo da atividade sexual. Na sociedade romana sabe-se que havia correntes de pensamento que defendiam a continência sexual, como os estoicos. Sêneca, um dos seus principais representantes, comenta o seguinte sobre os prazeres sensoriais da moral:

Que gozo existe em banquetes, luxúria e ambição: na multidão de clientes; nos braços de uma amante; ou na vaidade de um conhecimento não lucrativo? Esses pequenos e falsos prazeres nos iludem; e, como embriaguez, vingança de uma hora de divertida insanidade através de muitas de náusea e triste arrependimento. (*Apud* FERACINE, 2011, p. 176)

Os estoicos evidenciaram a moral como a busca da virtude contra os vícios, ou ainda a busca do prazer sem limite. Essa posição era uma crítica à prática romana dos banquetes luxuosos, em que comensalidade e sexo tinham a mesma importância. Podemos afirmar então que é a partir dessa moral que os cristãos desenvolveram seu discurso, incluindo os textos que foram considerados apócrifos.

Tanto os textos de Sêneca quanto os *Atos dos Apóstolos Apócrifos* tratam da moral em termos idealizados. A diferença é que as narrativas apócrifas mostram atitudes e reações das pessoas à pregação do evangelho que idealizam, o que era considerado desejável para a moral, segundo os cristãos e grupos similares.

#### ***4. O martírio como enfrentamento e resistência – confronto com o poder***

O terceiro aspecto mostra toda a força do personagem de Tomé diante do sistema dominante, agora pelo enfrentamento por meio do martírio. Tomé não teme nenhum mal; por diversas vezes recebe livramento das perseguições e ameaças e depois de preso é liberto milagrosamente por duas vezes, mais que Pedro ou Paulo. Em ambas as ocasiões aproveita para pregar a fé e batiza muitas pessoas, em especial o filho do rei, Vazan.

A pregação de Tomé na prisão é mais extensa que a cena do martírio, o que coloca em foco mais ainda a vida do apóstolo, mais que sua morte. Antes do martírio efetivo, Tomé prega e realiza uma cerimônia completa de batismo e eucaristia, num modelo heterodoxo. Primeiro

porque o batismo é feito com azeite para remissão de pecados e salvação, e só depois as pessoas baixam à água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e depois serve pão e vinho misturado com água.

Tomé é levado pelos soldados, e o povo tenta impedir o martírio, mas ele acontece de forma rápida fora da cidade, com a seguinte descrição:

Depois de haver orado, disse aos soldados:

- Vide e cumpri o mandato de quem os enviou.

Então os quatro o atravessaram de vez e o mataram. Todos os irmãos choravam. O rodearam com formosas túnicas e sudários, e o colocaram na tumba onde os antigos reis eram sepultados. (AtTm 168)

A morte de Tomé, no entanto, não encerra a narrativa. Além de descrever a reação de pessoas importantes à sua morte, o texto conta a conversão do rei Misdeo. Um de seus filhos foi possuído por um demônio e ele pensou em pegar um osso de Judas para livrá-lo desse mal. Aparentemente, mostra-se aí um prenúncio da prática tão valorizada na Idade Média de se conseguirem relíquias de mártires e santos para fins de milagres. Mas o próprio Tomé aparece a ele e questiona sua atitude, afinal ele não creu enquanto o apóstolo estava vivo. Mesmo assim, fala a Misdeo para confiar em Jesus, que “se comportará contigo generosamente por causa de sua grande bondade” (AtTm 170).

Ao chegar ao local onde Tomé fora sepultado, porém, não havia mais ossos, porque tinham levado o corpo dele para o Ocidente. Misdeo então colocou o próprio filho no lugar e falou com Jesus, e seu filho ficou curado. Foi então procurar os homens que seguiam a Tomé e submeteu-se a eles, pedindo o batismo.

O relato do martírio em Tomé mostra dois aspectos importantes: por um lado, ele é condenado pela pregação radical que faz da sexualidade – mais do que a questão da avareza –, pelo fato de quebrar o sistema tradicional de matrimônio, especialmente o poder do homem sobre o corpo da esposa. O radicalismo da pregação de Tomé desencadeia todo o processo que o leva à prisão e à condenação. Por outro lado, no entanto, esse mesmo radicalismo faz com que muitas pessoas se convertam e aceitem ao “novo Deus”, mesmo depois de sua morte. Ou seja, o paradoxo entre a pregação que leva a reações contrárias e depois tem aceitação está presente na dimensão desse texto.

## 5. *Atos de Tomé* e a religiosidade latino-americana

Por fim, iremos relacionar essa idealização mostrada nas narrativas com a religiosidade latino-americana. Em primeiro lugar, é possível afirmar que as ideias presentes nos textos apócrifos podem ser encontradas também na mentalidade religiosa latino-americana atual. Isso porque de fato o embate entre canônicos e apócrifos não acabou. Enquanto as forças oficiais da Igreja apontavam os textos considerados canônicos, desejando estabelecer o parâmetro do que seria aceitável como comportamento e crença cristãs, parece que as ideias contidas nos apócrifos alimentavam o imaginário popular. Na verdade, os escritos apócrifos parecem ter esse colorido popular que se tornou o fundamento para o imaginário da sociedade cristã europeia na Idade Média, especialmente quando pensamos no gênero “vida dos santos”.

Considerando que o imaginário latino-americano é resultado do encontro de diversas culturas, dentre elas a greco-romana, e a cristã, e todo o pensamento medieval cristão, repleto de crenças populares e com teor sincrético foi trazido para o novo continente, o resultado natural é uma religiosidade que idealiza a sociedade. O encontro com outras culturas resultou num modo especial de encarar a realidade, em que a passionalidade, o burlesco e o grotesco coexistem entre si, tal como ocorre nos *Atos dos Apóstolos Apócrifos*. Além disso, para analisar a idealização na realidade latino-americana é necessário compreendê-la a partir da perspectiva social.

A realidade das desigualdades sociais e tensões surgidas a partir delas é bastante semelhante à da sociedade imperial romana. A idealização sugerida nos textos apócrifos tem clara ressonância na prática da filantropia por parte de grupos religiosos e empresas, programas sociais do governo e mesmo gestos de generosidade cotidiana entre pessoas. Fato é que esses aspectos demonstram muitas vezes um mascaramento da realidade, uma tentativa de amenizar as tensões sociais, ao mesmo tempo que estruturalmente nada muda na sociedade.

Esse imaginário não retrata uma sociedade em que as oportunidades são iguais para todos, mas na qual uma elite tem mais facilidade de acesso aos elementos que permitirão o progresso e a prosperidade de uma pequena minoria. Em contrapartida, a maioria sofre pela falta dessas oportunidades e o fato de que acaba se tornando subalterna da outra na sociedade. Se os textos tentaram fazer uma crítica social e sinalizar o desejo de uma nova ordem social, parece-nos que o resul-

tado foi inverso, posto que alimentou na fé das pessoas o desejo pela intervenção divina nas situações concretas e favoreceu a imagem das classes abastadas em detrimento dos grupos explorados socialmente, como acontece na expressão religiosa latino-americana.

Na questão do comportamento sexual fica bastante evidente a influência de textos como o do *Evangelho de Tomé*, considerando que a religiosidade exige uma pureza sexual, especialmente das mulheres. Quanto ao celibato radical, a história da Igreja mostra que o caminho do celibato ficou restrito a homens e mulheres que escolheram, ou se consideraram escolhidos, por vocação. Já aos casados o mandamento que vigora é da castidade interna ao casamento, mas com a bênção do sexo, especialmente para a procriação, considerando a ideia de que os filhos são bênção do Senhor.

Por fim, o martírio é algo muito valorizado ainda hoje, mesmo que numa perspectiva de admiração dos santos e santas que sofreram por Cristo ao longo dos séculos. A maior parte das pessoas beatificadas e canonizadas tem no seu histórico relatos de martírio, que na maioria das vezes os levou à morte. Por outro lado, isso implica uma ideia muito sutil de que o crente deve sofrer nesta vida, pois o conforto e o consolo real só se podem encontrar no céu, diante de Deus. É bem verdade que a pregação das igrejas neopentecostais, que afirmam a manifestação do reino ainda nesta vida por meio de sinais exteriores como saúde, prosperidade material e coisas similares, tem mudado muito a perspectiva do martírio. O sacrifício agora é a prontidão em dar o máximo para que Deus possa retribuir a fé depositada por meio de ofertas e dízimos.

De modo geral, fica claro para nós que o imaginário relatado nos *Atos de Tomé* não ficou perdido no passado longínquo, mas que mesmo não sendo um texto canônico ele deixou um legado na história cultural do cristianismo que não pode ser desprezado nem subestimado. Assim como outros textos considerados apócrifos, *Atos de Tomé* ainda tem muito a ensinar sobre a fé e as convicções dos cristãos de todos os tempos.

## ***Referências***

ELLIOT, J. K. **The Apocryphal New Testament.** A collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation. Oxford: Clarendon Press, 2005.

- FERACINE, L. **Sêneca**. Filósofo Estoico e Tutor de Nero. São Paulo: Editora Escala, 2011.
- GOODMAN, M. **The Roman World**. 44BC-AD180. London / New York: Routledge, 1997.
- KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento 2**. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.
- PERKINS, J. Imagined Communities in Imperial Fictions. *Paper* apresentado no Seminário Oracula, set. 2014.
- SAENZ, A. P.; CALDERÓN, G. del C. **Hechos Apócrifos de los Apóstoles**. Vol. II. Hechos de Pablo y Tomas. Edición crítica bilingüe. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
- ZUIDERHOEK, A. The Ambiguity of Munificence. **Historia**: Zeitschrift fur Alte Geschichte, v. 56, n. 2, p. 196-213, 2007.
- \_\_\_\_\_. **The Politics of Munificence in the Roman Empire**. Citizens, Elites and Benefactors in Asia Minor. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.